

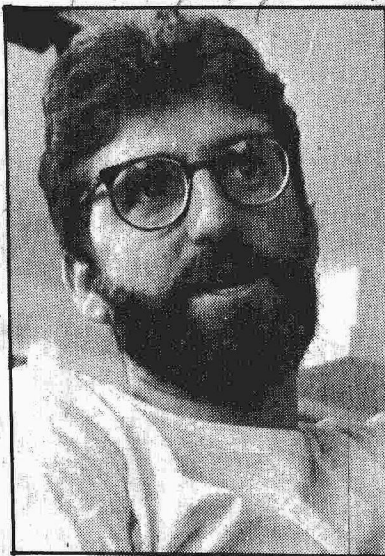
América Latina é mais atraente do que o Leste Europeu

Foto de Alexandre França

Dizer que o Leste Europeu vai consumir os investimentos estrangeiros originalmente destinados à América Latina é mera especulação, pois ainda é cedo para vislumbrar, do ponto de vista político, o que reservam ao Mundo os países da região. Temos aí um ponto de interrogação, observa o cientista político Paulo Wrobel, atualmente morando na Inglaterra, onde cumpre doutorado na Universidade de Londres.

A dúvida é compreensível. Wrobel lembra, por exemplo, que este ano serão realizadas eleições livres, as primeiras depois da Segunda Guerra Mundial, na Hungria, Tchecoslováquia, Romênia, Bulgária e Alemanha Oriental. Para onde vão essas economias? Fala-se que elas irão gravitar na órbita do Mercado Comum Europeu, responde Paulo Wrobel. Mas a verdade é que, no Brasil ou em Londres, os privilegiados observadores da área acadêmica não se arriscam a sustentar teses.

O cientista político (economista de graduação) chama a atenção para o fato de que na idéia de que criou-se uma disputa entre América Latina e Leste Europeu por investimentos ex-



Wrobel: existe muita especulação

ternos há boa dose de "chute". Investimentos concretos nos países socialistas são poucos e o interesse é incipiente. Ninguém sabe quem ven-

ce as eleições livres nestes países. E a América Latina, ainda que combalida, oferece ao Mundo a tradição de suas economias de mercado.

Ele acredita também que o inesperado fenômeno Leste Europeu vem sendo usado no País um pouco como desculpa, quando o observador que se preze está farto de constatar a fuga de investimentos estrangeiros do País a partir da segunda metade da década de 80, em função da desorganização econômica e política.

— Quando se fala que o Leste vai ocupar o lugar da América Latina, pressupõe-se que lá serão feitos ajustes mais atraentes, mas é especulação — acrescenta.

No Departamento de War Studies do King's College da Universidade de Londres, Wrobel trabalha na tese de doutorado sobre a política da indústria bélica brasileira em relação ao desarmamento nuclear. Depois de experimentar talvez o maior sucesso da economia brasileira nos anos 80, nossa indústria bélica, constata Wrobel, enfrenta crise violentíssima.

— O grande sucesso que foi a Avi-

brás está em concordata e procura agora o mercado civil — comenta.

Wrobel nota que a indústria bélica brasileira, criada e desenvolvida para o mercado externo, sustentou-se, nos últimos anos, com a guerra Irã-Iraque e a instabilidade no Oriente Médio e no Golfo Pérsico. Aparentemente, ele diz, a tendência nos anos que estão por vir é de uma relativa estabilidade nestes conflitos. Portanto, nada boa para a indústria brasileira de armamentos.

Mas ainda assim, o modelo de sucesso desse segmento, algo semelhante ao da Embraer, indica um caminho, na opinião de Wrobel, para um tipo de participação no mercado internacional: a indústria bélica elegu um setor de mercado já desprezado pelas grandes potências — o de equipamentos simples, tanques de guerra e carros de combate e canhões de média sofisticação — investiu em uma boa estratégia de marketing, numa assistência técnica confiável e ofereceu condições atraentes de financiamento. Com preço e prazo, qualidade e marketing, garantiu um lugar no mercado e conquistou competência.